

Pacote aprovado, a vitória é de Sarney

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Entre mortos e feridos, só terão dificuldades de sobrevivência os contribuintes — até prova em contrário. O pacote econômico do governo, aprovado pela Câmara, e pelo Senado a duras penas, não deixou de representar uma importante vitória político-parlamentar do presidente Sarney e da Aliança Democrática. Nas longas e tumultuadas sessões da Câmara e, depois, no Senado, o PMDB e o PFL uniram-se, superando divergências internas e garantindo a votação, de dia, à noite, pela madrugada.

Mesmo com maioria nas duas Casas do Congresso a Aliança teve de socorrer-se de votos do PDS. Na Câmara, o líder pedessista Prisco Viana foi peça fundamental na arrancada do PMDB e do PFL para conseguir a urgência e, em seguida, a aprovação das propostas de reforma econômico-fiscal de José Sarney, de Dílson Funaro, de João Sayad. Sem o concurso de setores pedessistas, Ulysses Guimarães e os líderes da Aliança Democrática estariam hoje procurando justificar a edição de decretos-leis da Nova República.

Ontem, por volta das 15h30, o presidente do PMDB e da Câmara, Ulysses Guimarães, deixou Brasília fazendo rápida escala no Rio e seguindo, à zero hora de hoje, para Pequim, via Los Angeles. O veterano político paulista garantiu, apesar das queixas, das reclamações e até da revolta da oposição, que o pacote não deixasse de ser votado e aprovado.

Pimenta da Veiga e José Lourenço reconheceram, a exemplo de Ulysses, o papel importante de Prisco Viana, conseguindo votos preciosos no PDS. Se o pacote atendeu às pretensões do ministro da Fazenda, poderá afastar de Prisco quaisquer pretensões de continuar no PDS e na liderança do partido.

Já o PMDB e o PFL poderão continuar juntos neste recesso que começa hoje, mesmo sabendo, um e outro, que nos primeiros dias de janeiro terão de enfrentar-se, na corrida às pastas ministeriais. Acham os líderes da Aliança Democrática que a dura luta parlamentar recém-encerrada poderá ter reflexos positivos nas negociações com o presidente Sarney na escolha do novo Ministério-tampão de 86.

As divergências internas do PMDB não afetaram o resultado final. O descontentamento da bancada do PFL não foi suficiente para abalar a soma dos votos indispensáveis ao governo. PMDB e PFL, que se enfrentaram a 15 de novembro, deram-se as mãos nestes últimos dias, cumprindo o dever de dar respaldo político-parlamentar ao presidente.

Os dois partidos governistas, porém, devem saber extrair lições do

episódio. Sarney e Funaro devem estar convencidos de que foi a primeira e última vez que o governo conseguiu o que queria, da forma que pediu. O Congresso não discutiu o pacote. Apenas discutiu a sua tramitação, o modo possível de aprová-lo, lutando contra o relógio. As falhas dificilmente poderão ser corrigidas, salvo com o tempo. O importante, para o presidente Sarney e para Ulysses Guimarães, era aprovar agora as medidas e avaliá-las depois.

Mas o preço foi alto. O Congresso, que suportou tantos dissabores, sofrimentos, humilhações nos períodos revolucionários, não saiu enganado da batalha quase campal do pacote. As metralhadoras do general Meira Matos cederam lugar às páginas datilografadas de Dílson Funaro e Luiz Patury. A intimidação não foi muito diferente. Em 66, era para fechar e em 86 foi para abrir.

O tão prometido diálogo do Executivo com o Legislativo continua na teoria. Se na tramitação da emenda de convocação da Assembleia Constituinte o Parlamento teve condições políticas e materiais para cumprir o seu papel, na votação do pacote só prevaleceu uma determinação — aprovar tudo. Nunca tão poucos pressionaram tantos em tão pouco tempo.

O pacote será levado à mesa presidencial, pronto para ser desembrolhado e servido à sociedade. Em tempo recorde, deputados e senadores exerceram o papel que o Planalto preparou. A oposição, por sua vez, foi também testada e não se saiu tão bem. Se a Aliança Democrática foi aprovada no seu primeiro teste para valer, o dividido PDS, com o PT, o PDT e o PTB estão no vestibular de partidos de oposição.

O governo, porém, passou a reconhecer que, sem a unidade da Aliança, o apoio político-parlamentar continuará precário, sujeito a percalços e decepções. O PMDB e o PFL estão longe de representar uma sólida base político-parlamentar a Sarney. A vitória deste final de sessão legislativa não dá para tranquilizar o Planalto. Pelo contrário.

O risco era tão evidente que o líder Pimenta da Veiga só teve condições de acreditar na vitória depois de negociar com setores do PDS e dos partidos "nanicos". Nesse ponto, Pimenta da Veiga saiu-se bem. Os fins sempre justificam os meios, principalmente em política. O que a Aliança não poderia era encerrar a sessão legislativa de 1986 com o pacote fechado. As lideranças conseguiram abri-lo e, para o governo, era o que precisava ser feito.

De ora em diante, porém, José Sarney não deverá mais arrancar decisões importantes do Poder Legislativo em operações cesarianas. É o mínimo que os próprios líderes da Aliança Democrática estão pondo.

F.M.